



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA  
PROFESSOR ORIENTADOR: LUIZ CLAÚDIO

## **Cartas do Jornal da Amazônia**

### **A importância da comunicação entre os ouvintes por meio de cartas que chegam a redação do Jornal da Amazônia, que abrange a Amazônia Legal Brasileira**

Janaina Sobrino Rodolfo  
Curso de Comunicação Social - Jornalismo  
Matrícula N° 2036397-1

**Brasília/DF Maio de 2007**



JANAINA SOBRINO RODOLFO

## **Cartas do Jornal da Amazônia**

**A importância da comunicação entre os ouvintes por meio de cartas que chegam a redação do Jornal da Amazônia, que abrange a Amazônia Legal Brasileira**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Prof . Orientador Luiz Claudio

Brasília, Maio de 2007



Janaina Sobrino Rodolfo

**Cartas do Jornal da Amazônia**  
**A importância da comunicação entre os ouvintes por meio de cartas que chegam a redação do Jornal da Amazônia, que abrange a Amazônia Legal Brasileira**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

**Banca Examinadora**  
**Brasília, XX de XXXX de 2007**

---

Prof. Orientador Luiz Cláudio  
Orientador

---

---

# Dedicatória

Dedico esse trabalho a todos que de alguma forma me auxiliaram nas palavras, nos gestos, nas palavras dóceis e motivadoras. Agradeço a Deus por todas as oportunidades e obstáculos colocados que foram transponíveis para que pudesse concretizar um sonho de criança.

# Agradecimentos

Agradeço a minha mãe guerreira, ao meu avô que sempre cumpriu o papel de pai, aos meus amigos, e ao meu namorado André Freitas que estiveram presentes nessa jornada e me ajudaram a cumpri-la com muito amor e carinho.

Agradeço ao meu orientador Luiz Cláudio pela paciência, dedicação e incentivo para que eu realizasse esse trabalho.

O homem semeia o que colhe.  
Autor desconhecido

## RESUMO

A internet, a televisão, os jornais impressos, revistas e os demais canais de comunicação presentes no século 21 não substituíram a importância e eficácia do rádio e das cartas manuscritas. A análise de 100 cartas dos ouvintes do Jornal da Amazônia transmitido pela emissora Radiobras.

Por questões geográficas, econômicas e estruturais característicos da região da Amazônia Legal, o rádio é um veículo poderoso e atual, mais eficaz no contexto amazônico do que a televisão, a internet e outros canais tão presentes na esfera urbana.

O trabalho aponta uma radiografia da região no aspecto geográfico, econômico e cultural e como estes pontos levantados em alguns momentos dificultam a presença de jornais impressos, televisões e internet.

O trabalho demonstra que a carta é um canal de comunicação importante e eficaz mesmo no século 21.

Palavras-chave: **cartas amazônicas, internet, aspectos econômicos e geográficos.**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1.1. MOTIVAÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.2. OBJETIVO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.3. ESCOPO DO TRABALHO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>11</b>
2.1. FUNCIONALISMO NAS CARTAS .....	15
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>20</b>
<b>4. CONCLUSÃO .....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>34</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>36</b>

## 1. INTRODUÇÃO

No século 21, a palavra de ordem dentro da comunicação é a interatividade. Vivemos em uma era em que a velocidade de divulgar as informações e de ter acesso aos fatos por meio das tecnologias oferecidas, como internet, jornais, revistas, emissoras de TV, por exemplo, fazem com que o contato pessoal e o romantismo presentes nas cartas acabem perdendo o espaço nos meios de comunicação.

Nos centros urbanos, o computador, o fax e a internet substituíram em grande parte a participação de cidadãos por meio de cartas manuscritas. Pela praticidade e agilidade no processo de recebimento, milhões de brasileiros não escrevem mais, somente digitam e-mails.

Essa realidade não é a mesma para uma grande parcela de moradores da região Norte do Brasil, conhecida como a Amazônia Legal e a região do Pantanal, que são representadas pelo Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Maranhão, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins e que correspondem a 60% do território brasileiro cujos índices de educação e de renda percapita são as mais baixas, segundo dados do IBGE, conforme Tabelas 1.1 e 1.2.

Tabela 1.1 – Escolaridade da região Amazônica (IBGE/PNAD).

<b>Média de Anos de Estudos na Região Amazônica (1992-2003)</b>											
<b>Estado</b>	<b>1992</b>	<b>1993</b>	<b>1994</b>	<b>1995</b>	<b>1996</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>
Acre	5,42	5,15	5,53	5,53	5,62	5,66	6,2	6,08	5,84	6,17	5,94
Amapá	5,13	5,04	5,39	5,39	5,44	5,78	5,88	6,19	7,27	6,6	6,72
Amazônas	5,55	5,19,5,	5,57	5,57	5,56	5,69	5,7	5,99	6,4	6,59	6,84
Maranhão	2,99	3,17	3,32	3,32	3,45	3,48	3,72	3,79	4,35	4,49	4,73
Mato Grosso	4,6	4,7	4,97	4,97	5,09	5,27	5,5	5,54	5,74	6,16	6,23
Pará	4,75	4,77	4,69	4,96	5,8	5,12	5,14	5,37	5,75	5,92	5,99
Rondônia	5,21	5,24	5,52	5,52	5,6	5,57	6,12	6,19	5,75	6,4	6,18
Roraima	5,52	6,07	5,34	5,34	6,04	6,7	6,27	7,29	5,73	6,07	6,69
Tocantins	3,3	3,52	3,87	3,87	4,15	4,08	4,29	4,72	5,13	5,32	5,65
Amazônia	4,72	4,76	4,94	4,94	5,11	5,19	5,42	5,68	5,77	5,93	6,11
Brasil	4,87	4,68	5,17	5,17	5,34	5,43	5,61	5,75	6,06	6,24	6,42

Fonte: IBGE/PNAD

Tabela 1.2 – Renda per capita dos estados brasileiros (IBGE/PNAD).

Renda Per Capita (2003)					
Colocação	Unidade	R\$	Colocação	Unidade	R\$
1º	Distrito Federal	16.920	15º	Rondônia	5.743
2º	Rio de Janeiro	12.671	16º	Amapá	5.584
3º	São Paulo	12.619	17º	Bahia	5.402
4º	Rio Grande do Sul	12.071	18º	Pernambuco	5.132
5º	Santa Catarina	10.949	19º	Rio Grande do Norte	4.688
6º	Paraná	9.891	20º	Roraima	4.569
7º	Amazonas	9.100	21º	Pará	4.367
8º	Espírito Santo	8.792	22º	Acre	4.338
9º	Brasil	8.694	23º	Paraíba	3.872
10º	Mato Grosso do Sul	8.634	24º	Ceará	3.618
11º	Mato Grosso	8.391	25º	Alagoas	3.505
12º	Minas Gerais	7.709	26º	Tocantins	3.346
13º	Goiás	6.825	27º	Piauí	2.485
14º	Sergipe	6.155	28º	Maranhão	2.354

fonte:IBGE/PNAD

Regiões distantes dos grandes centros urbanos, onde a energia elétrica ainda não se faz presente, onde só se é possível se sair de um município a outro a pé ou através de barcos que percorrem rios da Bacia Amazônica, a do Pantanal e a do Tocantins.

O transporte pelas águas representa uma realidade distante dos grandes centros urbanos. Para essas comunidades ribeirinhas, o dia a dia é difícil. Quando chove, muitos ribeirinhos escorregam nos barrancos e se machucam, quando é época de estiagem, às vezes não conseguem descer ou subir o rio, devido a vazão de água, ficam isolados, e por vezes sem alimentos. Os estados da Amazônia e o Pará contam com pouquíssimos portos e praticamente nenhum terminal hidroviário. A chegada e a saída de materiais, de alimentos e de pessoas são trabalhosas e dispersa tempo, coragem e paciência. Somente no ano de 2007, o Governo Federal resolveu investir na construção de hidrovias e portos para essa região.

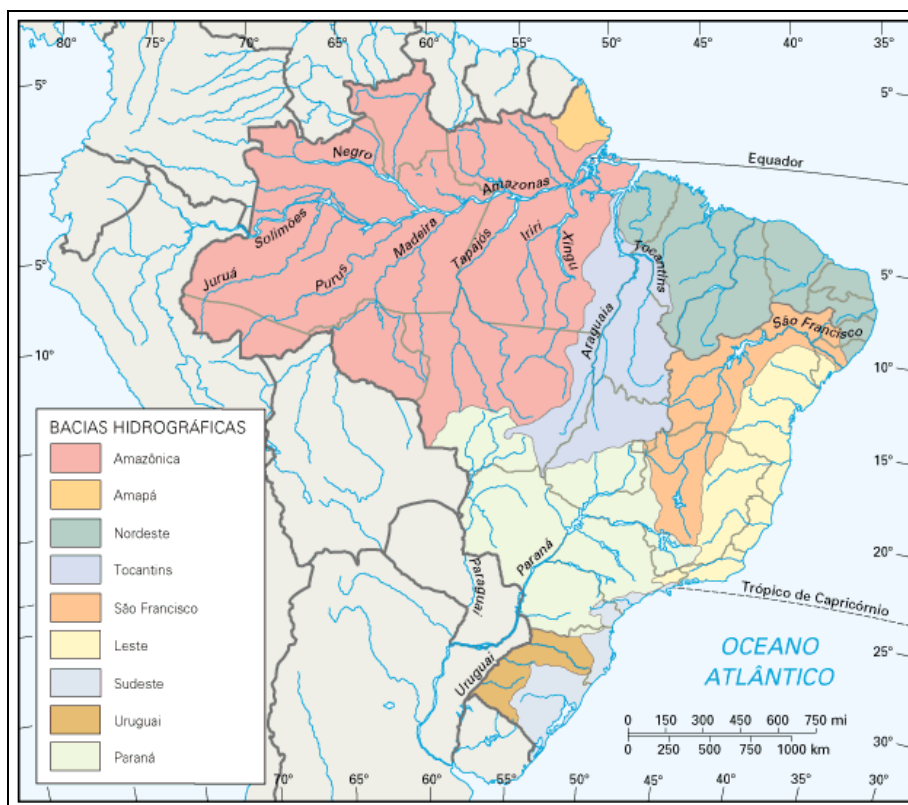


Figura 1.1 – Mapa das bacias hidrográficas no Brasil (www.guianet.com.br).

## 1.1. MOTIVAÇÃO

A dificuldade de locomoção, a baixa renda percapita e a falta de luz em diversos municípios na região da Amazônia Legal me fez pensar e observar qual veículo de comunicação seria mais eficaz nesse contexto. As cartas que chegam na redação do Jornal da Amazônia, da emissora Radiobras, que há mais de dez opera a Rádio Amazônia me despertou interesse para estudar qual o papel das cartas que chegam na redação e como elas se comportam como canal de comunicação, entre os ouvintes e a rádio.

## 1.2. OBJETIVO

Este trabalho tem o objetivo de estudar a influência e a troca de informações entre os ouvintes do Jornal da Amazônia e a equipe de jornalistas que trabalham apurando as notícias. Investigar se as cartas que chegam à redação pautam matérias e se servem de fonte.

### 1.3. ESCOPO DO TRABALHO

Neste, pode-se observar a composição do trabalho, dividido em três capítulos:

- CAPÍTULO 1: É apresentada uma breve introdução do trabalho, expondo a motivação, o objetivo e o escopo geral do mesmo.
- CAPÍTULO 2: São alguns conceitos e definições baseadas em pesquisas realizadas.
- CAPÍTULO 3: Este capítulo apresenta o estudo analítico das cartas..
- CAPÍTULO 4: Este, trata da conclusão do trabalho.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Devido à realidade ambiental e social, esses cidadãos, que são indígenas, ribeirinhos, pequenos agricultores, quilombolas e pessoas semi-analfabetas conversam com a sociedade por cartas ou por telefonemas públicos. Fatores como o baixo grau de escolaridade, a caligrafia, a gramática e a ortografia dificultam a comunicação, mas não impedem que eles se manifestem.

O Jornal da Amazônia é transmitido pela Rádio Amazônia OC e alcança esse Brasil tão diferente do resto. As cartas que são recebidas por esses veículos formam o objeto de estudo deste trabalho. Um caminho de interatividade incomum nos dias de hoje.

Desde que foi implantada a idéia dos ouvintes enviarem cartas à redação do Jornal da Amazônia para opinar e trocar informações, as mesmas chegam, sem uma periodicidade certa. Umas pegando carona dentro de outra carta, algumas somente com desenhos ou com versinhos e assinaturas, demonstrando o carinho, o afeto e o respeito aos profissionais da rádio.

Seus escritores não são letrados, mas escrevem o que o seu coração pede, pois elas chegam carregadas de sentimentos e desejos expressos por frases curtas e clichês. Mas todas elas possuem um traço em comum, a vontade dessas pessoas de se integrar a grande aldeia global, de serem ouvidas.

Pessoas que através das cartas, se mostram presentes e vivas. Que exercem o seu ato de democracia e de cidadania, mesmo sem ter acesso às novas tecnologias. Por ser simples, modesto e eficaz, a carta, ainda hoje é um veículo de comunicação presente e importante para a sociedade, mesmo em pleno século XXI.

Esse é um Brasil que não possui energia elétrica, onde um ouvinte escreve uma carta, que percorre rios e rios até chegar ao seu destino, como demonstra a da Maria Almeida Portal, que mora no Pará, cuja referência de endereço, são os Correios de São Domingos do Capim:

“Por isso quero que saiba que vocês são a minha família e agradeço a Deus por vocês serem o que são. Quero desejar um Natal maravilhoso a toda a equipe do Jornal e da rádio. Fica com Deus desculpe os erros e a letra e o desenho. Eu já recebi o meu presente, é linda, e eu adorei, então fiz essa arara para você. Luciano (locutor do Jornal da Amazônia

Primeira Edição) isso prova que eu recebi. Fica com Deus e até logo, fui mais volto é só bater a saudade.

Assina: Maria Almeida Portal (Correios de São Domingos do Capim, Pará)

Estou escrevendo esta carta às 11 horas e cinco minutos da noite, a luz da lamparina, mas faço isso com amor, carinho e com o coração. Sabe porque? Porque amo vocês. Beijos, beijinhos e beijão da vó que muito ama. Querido “Luciano, (locutor do Jornal da Amazônia Primeira Edição) que eu mais gosto de fazer é escrever e desenhar.”

Assina: Maria Almeida Portal (Correios de São Domingos do Capim, Pará)

A vontade é tanta de passar a informação adiante, de esclarecer a dúvida daqueles que não dispõem de recursos financeiros para comprar um rádio à pilha que, o ouvinte Antonio Cabral Diniz, de Benjamin Constant, no Amazonas, informou ao Jornal da Amazônia que retransmitia o mesmo por um alto falante e afirmou a importância da carta como veículo de comunicação:

“Saudações, Quero comunicar que estou retransmitindo o Jornal da Rádio Nacional da Amazônia ao meio dia pela Voz do Poeta (serviço de alto falante) em Benjamin Constant – AM. Casei-me há mais de 20 anos através de correspondência, com a grande força da Nacional. Abraços a todos em geral”. Antonio Cabral Diniz (Benjamin Constant – Amazonas)

Mas não foi somente a vida do ouvinte Antonio Cabral que a rádio modificou. A vida do indígena Maan Kaiabi da aldeia Posto Indígena Diauarum no norte do Mato Grosso se transformou, ultrapassou a barreira cultural e as dificuldades econômicas.

Em uma carta, Pipi Kaiabi, o “Índio Apaixonado”, contou que desde pequeno, gostava de ouvir a rádio e que aos 12 anos já sonhava com a possibilidade de um dia estar do outro lado do aparelho.

“Foi então que, com o apoio dos meus pais, comecei a lutar para que meus sonhos se tornassem realidade. Foi então que em 1992 com muitas garras e barreira e força de vontade, conseguir junto a Funai e Radiobrás fazer espécie de curso de operador de rádio.” Pipi Índio Apaixonado (Brasília – DF).

Embora essas comunidades não possuam um alto grau de escolaridade, a consciência ambiental é presente. São muitas as cartas que chegam à redação

com denúncias e dúvidas sobre animais silvestres, desmatamento, questões indígenas, invasões de terras, época de manejo, agricultura e preservação, o que fazer com as pilhas e sobre a energia elétrica, por exemplo.

“Sula, eu quero participar da promoção Jornal da Amazônia, que eu quero ganhar duas camisetas da promoção Jornal da Amazônia. Meu nome é Liana, eu estou estudando o 2º ano do ensino fundamental. Eu tenho 9 anos de idade e eu gosto muito de ouvir a sua voz. É muito bonita e maravilhosa. Eu vou continuar estudando para eu crescer no futuro porque eu sou uma aluna muito comportada no colégio. ... Sula eu gosto muito de ler e escrever. Pergunta: O homem fazendo desmatamento, os pássaros e o animais selvagens vão para onde? (Liana Sousa Brenese, Pium – Tocantins)”

As cartas que são enviadas à redação do Jornal da Amazônia refletem a realidade da região Norte. A funcionalidade da informação é comprovada quando se consegue atender, esclarecer e dar formação sócio-cultural para a comunidade que ela abrange. Será necessário partir do princípio de que informar a coletividade é mais importante e necessário do que a comercialização de idéias e produtos. A informação pode dar acesso a uma melhor qualidade de vida para as pessoas e fazer a diferença no cotidiano isolado da realidade amazônica.

O Jornal da Amazônia, embora realizado e produzido em Brasília consegue captar e refletir as necessidades sociais, ambientais e econômicas, numa linguagem apropriada a realidade regional dos nove estados que recebem a transmissão via ondas curtas de 25 metros com frequência de 11.780 Mhz e de 49 metros com frequência de 6.180 Mhz.

O programa conseguiu se inserir no ambiente cuja comunidade possui uma renda familiar de até dois salários mínimos, e exerce um papel de agente socializador, a comprovação do fato vem por meio de cartas e telefonemas recebidos na redação.

A capacidade de penetração das informações nas comunidades me despertou a curiosidade para estudar o impacto delas. Observar a construção da notícia local para a comunidade e a forma de que esta recebe a informação, baseada na idéia de Paulo Freire, que menciona que só há informação se houver diálogo.

A questão de estudar as cartas recebidas na redação do Jornal da Amazônia demonstra que as teorias de Paulo Freire e Marshall McLuhan em relação aos meios de comunicação de massa são, em princípio, verdadeiras.

As cartas recebidas são repostas dos cidadãos a programação do Jornal da Amazônia. As cartas agradecem, pedem e pautam as matérias. Como veículo de comunicação possui também a função de informar, esclarecer e dialogar com a rádio, refletindo as idéias e os costumes dos ouvintes. As cartas podem ser consideradas um veículo de comunicação. O interesse é mostrar que embora a carta represente um indivíduo que se comunica isoladamente com a rádio, ela pauta um outro veículo de comunicação que pode ser considerado como Mídia Mass. Assim, demonstrar que a Teoria da Comunicação de Massas, dos anos 60, de Marshall McLuhan de que “o meio é a mensagem” pode ser aplicada em pequenos veículos e a pequenas comunidades, não importando qual seja o veículo utilizado para que haja a divulgação das informações necessárias à sociedade.

Marshall McLuhan defende o fim das barreiras entre as classes sociais, instituindo a Aldeia Global. Para McLuhan, os efeitos culturais dos meios de massa audiovisuais forneciam uma corrente contínua e variada de informação de uma grande variedade de fontes. O resultado foi uma implosão cultural, na qual as pessoas conhecem o mundo como uma comunidade de aldeia.

Para Paulo Freire, a comunicação não é simplesmente estender, unilateralmente conteúdos e informações ao público alvo. Comunicar implica em dialogar, em ter troca de informações. Seguindo a afirmação de Freire e a idéia de McLuhan sobre a Aldeia Global, as cartas dos ouvintes refletem a troca de diálogo entre o indivíduo e a rádio, no momento em que pautam as matérias, agradecem, elogiam ou criticam as notícias. As cartas representam devido ao aspecto geográfico da região a única forma que alguns cidadãos possuem para se expressar na aldeia global.

Na pesquisa de campo, serão analisadas um total de 100 cartas recebidas nos anos de 2006 a 2007 na redação do Jornal da Amazônia, para avaliar os assuntos tratados, solicitados, questionados, elogiados referentes às matérias que são exibidas.

## 2.1. FUNCIONALISMO NAS CARTAS

A metodologia apoiada na Teoria Funcionalista, de Herbert Spencer (1820-1903) e de Emile Durkheim (1858-1917) tem como vertente admitir que toda a atividade social e cultural desempenhe funções indispensáveis.

A Teoria sociológica do estrutural-funcionalista salienta a ação social e não comportamental na adesão aos modelos de valores interiorizados e institucionalizados.

O sistema social na sua globalidade é entendido como um organismo cujas diferentes partes desempenham funções de integração e de manutenção do sistema. O seu equilíbrio e a sua estabilidade provêm das relações funcionais entre indivíduos e os subsistemas que ativam no seu conjunto.

A lógica que regulamenta os fenômenos sociais é constituída por relações de funcionalidade que presidem à solução de quatro problemas fundamentais:

1. **A manutenção e controle das tensões** (cada sistema social possui mecanismos de socialização que ativam o processo através dos quais os modelos culturais vêm a se interiorizados na personalidade dos indivíduos).
2. **Adaptação ao ambiente** (para sobreviver, cada sistema social deve adaptar-se ao seu ambiente social)
3. **A perseguição do objetivo** (cada sistema social tem vários objetivos a alcançar, susceptíveis de serem realizados mediante esforços de carácter cooperativo)
4. **A integração** (as partes que compõem os sistemas devem estar interligadas. Deve existir fidelidade entre os elementos de um sistema e fidelidade ao próprio sistema no seu conjunto. Para contrariar as tendências desagregadoras, é necessário que haja mecanismos que sustentem a estrutura fundamental do sistema) (WOLF, ibidem.:57-58)

Utilizaremos os conceitos de educação e informação de Paulo Freire, que admite que educar está interligado com o ato de informar, de dialogar. O diálogo é a troca de informações entre pessoas que se entendem e se fazem entender de forma clara e eficaz. Não importando o canal, a linguagem e o meio utilizado para esse fim que tem como objetivo a funcionalidade das informações.

## 2.2) Sincronismo

A pesquisa propõe estudar a eficiência da comunicação, através das cartas e da rádio. Segundo o autor José Eugênio de Oliveira Menezes, no texto “Rádio, memória e cidade”:

“Quando falamos do papel sincronizador, tanto da vinculação face a face como da vinculação através de uma mídia terciária como o rádio... Referimo-nos principalmente a uma forma, também ritual, de se lidar como passado comum e com o futuro comum; os meios praticamente lembram o que devemos resgatar do passado, nos inserem num presente comum e nos impulsionam para um futuro tanto da nossa aldeia como da aldeia global.”( p.99)

O autor José Eugênio de Oliveira Menezes afirma a idéia da pesquisa de que os meios de comunicação possuem o papel social de informar os fatos, seja para lembrar ou para simplesmente esclarecer determinados fatores presentes ou reforçando fatos históricos, por exemplo. A carta no século 21 ainda cumpre um papel social, vai além de informar o cidadão, ela registra e divulga os traços da identidade local.

O mesmo autor comenta ainda no texto que: *“Sintonizar significa também vincular ao tempo dos outros, participar da vida da sociedade”* texto Rádio, memória e cidade, p.(101), o que reforça o conceito de que não importa o veículo de comunicação, mas sim a necessidade de um diálogo entre a mídia e a população local, no caso através de cartas.

No livro Ciência Política, de Paulo Bonavides, o sociólogo Paulo Freire, identifica o diálogo, quando as pessoas falam uma mesma linguagem e de fato se entendem. Freire considera que a opinião está sendo formada pela elite dominante, que pensa e repassa suas idéias e ideais através dos meios de comunicação populares.

No contexto da Região Norte, quem executa essa comunicação com o Jornal da Amazônia não é uma elite, mas sim, indígenas, ribeirinhos, pequenos agricultores rurais e pessoas que possuem uma faixa de escolaridade inferior ao segundo grau e uma renda per capita de até dois salários mínimos.

Ao aplicar o conceito de diálogo do sociólogo percebemos que as cartas desempenham um papel fundamental para que se atenda a premissa básica da

troca de informações e o de se fazer entender. Fica implícita também que o fato de informar cria uma relação de dependência e unificação cultural da mídia com a comunidade.

Jesus Martim Barbero, autor do livro *Dos meios as mediações*, cita que:

Mas o que é uma massa? É o fenômeno psicológico pelo qual os indivíduos, por mais diferente que seja seu modo de vida, suas ocupações ou o seu caráter, “estão dotados de uma alma coletiva que lhes faz comportarem-se de maneira completamente distinta de como o faria cada indivíduo isoladamente”. (p.59-60)

O conceito reforça a identidade e a influência da rádio junto à comunidade e vice-versa, como formadora de opinião. Mais adiante, Jesus Martim Barbero, ao falar da Teoria de Lê Bon, levanta um fato importante que reforça Paulo Freire, no seguinte:

“O que acontece na massa talvez não seja tão diferente do que passa com o indivíduo. Pois o que explode na massa está no indivíduo, porém reprimido”.(p.61)

“Pois segundo Freud, nas massas há não só instintos, mas produção: Também a alma coletiva é capaz de dar vida a criações espirituais de uma ordem genial como o provam, em primeiro lugar, o idioma e depois os cantos populares, o folclore, etc...”(p. 62)

Para Barbero o conceito de comunidade se define pela unidade do pensamento e da emoção, pela predominância dos laços estreitos e concretos e das relações de solidariedade, lealdade e identidade coletiva (p.63-64). O mesmo autor afirma na página 69 que a mudança na sociedade ocorre não no âmbito da política, mas no âmbito da cultura, entendida como os códigos de conduta de um grupo ou de um povo.

Na situação específica do *Jornal da Amazônia*, transmitido pela Rádio Amazônica, o diálogo ocorre entre a produção e os ouvintes através das cartas recebidas. Esse processo reafirma a identidade local, preserva sua história e sua cultura. Por estar inserida num contexto cultural limitado a da região amazônica, a rádio reflete as condições psicológica e sócia econômica da comunidade, demonstrando seus conceitos, preconceitos e anseios sociais que constam nas cartas.

Já na (p.94), o autor Jesus Martim Barbero, autor do livro: *Dos meios as mediações*, concorda com Edgar Morin, no livro: *Cultura de Massas no século vinte*, que desenvolve a análise da cultura de massa em duas direções: a

estrutura semântica – campo de operações de significação e significações arquetípicas e os modos de inscrição no cotidiano. Para Barbero, a massa é considerada a cultura popular e não aparece de repente, mas que vai crescendo lentamente (p.181). Essa declaração nos permite afirmar a importância de reconhecer as cartas como um meio de comunicação eficaz para que ocorra o diálogo da população do norte com a produção da rádio. Para que a mesma possa agir como agente educador e reproduzidor de idéias e conceitos. A rádio cumpre o papel de formação social que se opõe ao poder, de forma democrática e popular, se fazendo presente na diversidade do social e do cultural.

No livro *Consumidores e cidadãos*, de Nestor Garcia Canclini, fica claro a influência das mídias junto a sociedade e sua importância na formação cultural e na construção da realidade:

“A identidade (cultural) passa a ser concebida como o foco de um repertório fragmentado de minipapéis mais do que como o núcleo de uma hipotética interioridade contida e definida pela família, pelo bairro, pela cidade, pela nação ou por qualquer um desses enquadramentos em declínio.” (p.63).

O mesmo autor reforça a idéia e a importância primária do diálogo e no caso das cartas como representação particular quando cita:

“A homogeneização do consumo e da sociabilidade propiciada pelo formato comum com que esses serviços se organizam, não anula as particularidades”. (p.128).

“...até zonas diversas da periferia desenvolvem modos peculiares de se reunir, falar e satisfazer suas necessidades. Especialmente os setores populares, ou seja, os que não têm carro ou telefone, tendem a restringir o horizonte da cidade ao próprio bairro: ali se elaboram as redes de interação que desempenham modalidades distintas...” (p.128).

Nestor Garcia Canclini, afirma ainda que as culturas nacionais e urbanas são sustentadas pelas identidades locais, gerando uma grande rede, uma aldeia global aonde o indivíduo não perde a sua particularidade.

“A coesão das culturas nacionais e urbanas foi gerada e sustentada, em parte, graças ao fato de as artes cultas e populares proporcionarem iconografias particulares como expressão de identidades locais.” (p.133)

“Os repertórios folclóricos locais, tanto aqueles ligados às artes cultas quanto às populares, não desaparecem. Mas seu peso diminui em um mercado onde as culturas eletrônicas transnacionais são hegemônicas...” (p.134)

“As políticas culturais mais democráticas e mais populares não são necessariamente as que oferecem espetáculos e mensagens que

cheguem à maioria, mas as que levam em conta a variedade de necessidades e demandas da população” (p.138)

Autores como Carlos Monsivás e Jesús Martín Barbero analisam que o rádio contribuiu para que grupos de diversas regiões de um mesmo país, antes afastados e desconectados, se reconhecessem como parte de uma totalidade, logo a troca de informações e o diálogo através das cartas dos ouvintes com o Jornal da Amazônia transmitido pela Rádio Nacional consegue diminuir a distância social econômica da comunidade a qual faz parte e reforça a sua identidade cultural.

### 3. METODOLOGIA

Após realizar uma revisão bibliográfica detalhando com Teorias da Comunicação a questão da eficácia da troca de dialogo entre os ouvintes através das cartas com o Jornal da Amazônia, foram analisadas 100 cartas escolhidas aleatoriamente no período de 2006 a maio de 2007.

#### 3.1) A interatividade pelas cartas nos tempos da Internet

A internet se tornou um importante elemento no mundo das empresas de telecomunicação e dos consumidores de notícias. Nas redações de jornais, rádios, televisões, a World Wide Web (www) significa interatividade, agilidade, conhecimento, pesquisa, informação.

Basta abrir um site de procura, como por exemplo, o <http://www.google.com.br/> e digitar o objeto da pesquisa que o mesmo lista o que estiver na rede. Matérias, fotos, artigos, vídeos, uma diversidade de opções sobre todos os assuntos, sem contar a possibilidade de acessar jornais, telejornais e rádios que são transmitidas pela rede, em tempo real.

O Jornal da Amazônia, também está no mundo virtual, é possível ouvir a rádio pelo site: <http://www1.radiobras.gov.br/> em todo o Brasil e no mundo. Mas o ouvinte do Jornal da Amazônia, em sua maioria não possui acesso à internet.

Segundo estudo divulgado pelo IBGE em 24 de Março de 2007, no jornal Correio Braziliense, podemos analisar, que entre os nove estados que recebem a programação do Jornal da Amazônia por rádios a pilha ou a energia elétrica, o que possui maior percentual de pessoas que acessam a internet é o estado do Amapá, com apenas 20% e o estado que tem menos acesso a rede é o Maranhão com 7,79%. Isso significa dizer, por exemplo, que no caso do Amapá, com uma população estimada pelo IBGE em 594.587 habitantes em 2005, apenas 118. 917 possuem acesso à internet. A pesquisa demonstrou que os usuários da rede são jovens, na faixa etária de 18 a 28 anos, estudantes na sua maioria que moram em centros urbanos e têm renda per capita acima de dois salários mínimos, conforme Tabela 3 abaixo.

Tabela 3 – Percentual da população que acessa a Internet por Estado (IBGE)

Percentual da população que acessa a internet por Estado:			
Distrito Federal	41,10%	Roraima	13,50%
São Paulo	29,90%	Rondônia	13,50%
Santa Catarina	29,40%	Acre	13,20%
Rio de Janeiro	26,60%	Bahia	12,90%
Paraná	26,90%	Rio Grande do Norte	12,90%
Espirito Santo	23,70%	Ceará	12,90%
Rio Grande do Sul	23,20%	Sergipe	12,60%
Mato Grosso do Sul	22,50%	Paríba	12,40%
Amapá	20,00%	Pará	10,90%
Goiás	18,90%	Amazonas	10,50%
Minas Gerais	18,80%	Piauí	10,40%
Mato Grosso	18,30%	Maranhão	7,70%
Tocantins	14,39%	Alagoas	7,60%
Pernambuco	13,69%		

Fonte: IBGE

No caso da análise do acesso a internet por regiões, deve ser considerada a questão da extensão territorial de cada uma, pois a região sul é a menor, composta apenas por três estados, já a região do norte é composta por seis estados, por isso aparece como a que possui menor acesso, mas considerando a relação pelos estados está entre umas das regiões de maior percentual, conforme Gráfico 3-1.

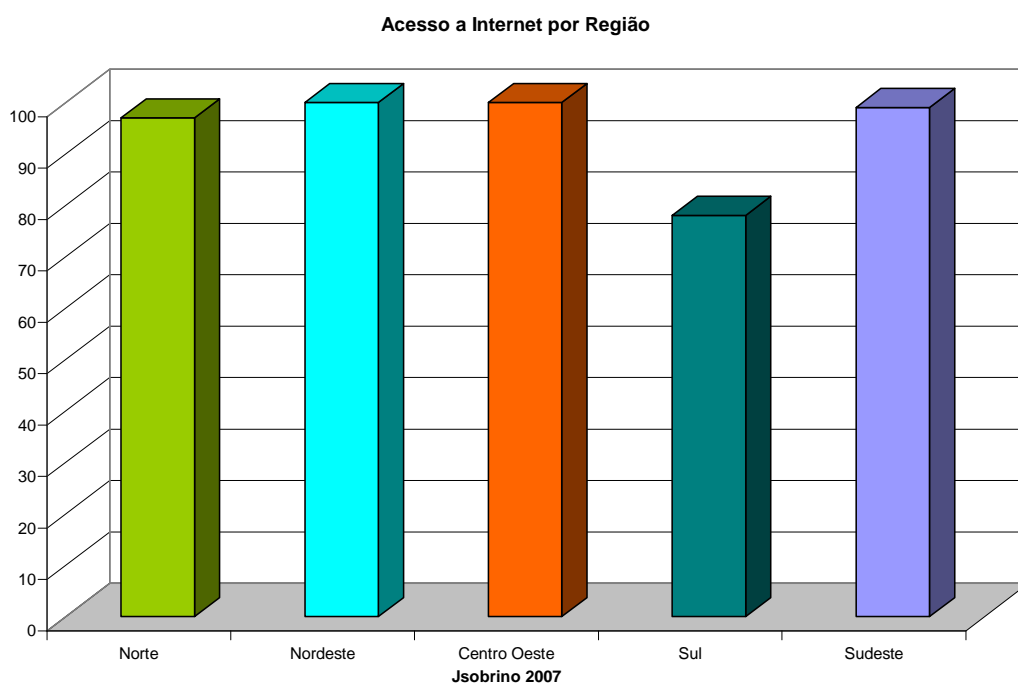


Gráfico 3-1 – Acesso a Internet por Região (Jsobrinor -2007)

Milton Jung, autor do livro *Jornalismo de Rádio* (p. 73) cita a importância dos transistores que refletem as diferenças sociais e culturais no Brasil.

“Por mais avançadas que estejam as comunicações, o transistor – como muitos chamam o aparelho de rádio a pilha – reflete as diferenças socioculturais do Brasil. A desigualdade entre os que ficam na fila do posto de saúde e os internados em salas de cirurgia de última geração; entre os que sentam no chão de terra batida ... e os que debatem os principais temas em teleconferências com colegas de outras partes do mundo.” (p.73)

O Jornal da Amazônia é um importante meio de comunicação para a região da Amazônia Legal, dada a realidade local e as expectativas futuras de desenvolvimento econômico. Segundo estudo realizado em 2004, pela Dra. Bertha Becker, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a região amazônica, devido ao perfil territorial e as particularidades possui chances de crescer, mas será um crescimento diferente devido a sua economia que é basicamente agropecuária e ao fato da preservação das áreas de reservas ambientais e indígenas. Segundo a Dra. Bertha Becker:

“Amazônia forma uma “territorialidade” potencialmente em efervescência ... Abrange todo o chamado “nortão” matogrossense e, também, os municípios do oeste e centrosul do Estado do Pará. Incorpora toda área de abrangência da BR-163, incluindo Santarém até a Calha do Amazonas, englobando o noroeste do Amapá. Ao sudoeste vai até Humaitá, no Amazonas. Trata-se da porção mais vulnerável da Amazônia nos dias atuais, dado o fato de encontrarem-se aí as três grandes frentes de expansão da fronteira amazônica, pressionada pelo cinturão agropecuário já consolidado e extensas áreas de florestas e terras indígenas também caracterizam-na, razão pela qual concentra nesta região a maior parte das Unidades de Conservação recentemente criadas.”



Ilustração 3-1 – Mapa da Amazônia Legal – Estudo Dr. Bertha Becker

“Essa configuração espacial define uma ampla diversidade que, em certa medida, põe em questão a tese de integração regional, tal qual conceituada pelo modelo desenvolvimentista. Faz-se necessário ajustar o conceito, a partir do entendimento de que a integração da Amazônia passa pelo reconhecimento de sua diversidade por meio da efetiva implantação de políticas integradas que promovam e articulem os

interesses”.

Isso equivale dizer que o Governo Federal terá que modificar o plano de desenvolvimento para a região. Nesse estudo, a Dra. Bertha Becker constatou que os programas do governo que se sucedem até 1985, criaram o Pólo Amazônia, o que estimulou a expansão de empresas agropecuárias e de mineração. Esse modelo gerou duas conseqüências: o acentuado processo de desmatamento e a concentração urbana e econômica. Problemas que são pautados pelos ouvintes do Jornal da Amazônia e que refletem a realidade ambiental vivida em diferentes estados da Amazônia Legal.

“Felicidades Olá amigos do Jornal da Amazônia! É com imensa alegria que pela primeira vez participo deste maravilhoso programa. Sou ouvinte de todos os dias, e gostaria de parabenizá-los pelo excelente trabalho. Amigos, escrevo também pois quero participar desta promoção dos 29 anos da Rádio Nacional da Amazônia. Eu gostaria de sugerir uma matéria sobre o nosso Estado Mato Grosso com relação ao desmatamento e a queimadas, este é um assunto que sempre me chama atenção nos noticiários. Amigos, por hoje vou finalizando. Desejando tudo de bom a vocês. Um grande abraço dessa ouvinte de sempre Isabel Gomes da Silva (Estrada Presidente Epitácio Posto dos Correios de Nova Monte Verde, Mato Grosso)

Olá meus amigos, Tudo OK? Venho mais uma vez participar deste maravilhoso programa que é o JA, porque é nota 10. Pois fala de uma maneira carinhosa do meu querido estado de RO. Moro na região de Jaru desde os anos 80. Posso sentir hoje grande diferença daquela época. Olha só, se não houver mais rigor sobre o desmatamento nossa Amazônia vai ficar cada vez mais diferente. Pois muitos bichos que eram comum a gente hoje não vemos mais como anta, veado, catita, tatu canastro e outros mais.

Edir Pereira - Admirador de todos os programas da Radiobras (Colina Verde Governador Jorge Teixeira – Rondônia)

Sobre a concentração urbana e econômica, as cartas dos ouvintes refletem os problemas da falta de médicos, hospitais, escolas, energia elétrica.

“Bom dia a todos do jornal! É com grande prazer e alegria que escrevo para participar do Jornal da Amazônia. Para pedir uma ajuda e que faça uma reportagem para mim, no Jornal da Amazônia falando sobre isto: O motivo desta é para dizer que aqui em Marianópolis a saúde vai muito mal. Aqui tem quatro médicos, um hospital até grande, para o tamanho da cidade. Este ano, além deste hospital, alugaram duas casas dizendo que era posto de saúde, um urbano e outro na zona rural, a gente que somos da zona rural paga transporte para ir no posto. Quando chega lá para se consultar, cadê o médico? “Não está, foi para piracema.” Aí elas falam “Ah, vem amanhã”, quando é amanhã vai novamente lá e “cadê o médico?” “a médica, ela não vem hoje” e tem que ir várias e várias vezes lá, para ver se consegue se consultar. As pessoas vão no posto de saúde e não são atendidas, elas falam “não, hoje é só emergência. A doutora não vai te atender, vem outro dia. Vem amanhã!” Quando vai no outro dia, não é atendido do mesmo jeito. Isto não é errado? Aí quando consegue a consulta, a médica pede exame para fazer em Palmas, aí eles aqui passam uns dois ou três meses para marcar esse exame, quando a pessoa consegue sobreviver bem, e quando morre? E se não estiver em cima, cobrando deles, aí que demora mais ainda. O hospital já estava velho, foi reformado, depois de reformado o hospital colocaram esses dois

postinhos, aí que ficou pior, pois tem que ir várias vezes para ser atendido e quando é atendido a médica passa remédio, manda o paciente pegar o remédio no hospital. Vai lá, aí a moça que fica lá fala “não tem esse remédio aqui, vai chegar” e nunca que chega estes remédios. Mas as prateleiras lá estão cheias de remédios e também várias caixas de remédios espalhados no chão, e sempre a mesma história que os remédios vai chegar, mais nunca que chega, os tais remédios. Não sei o que eles fazem com tantos remédios, que tem lá no hospital. E se a pessoa não quiser ficar com a doença tem que comprar os remédios caros assim mesmo. E no hospital dizem que é só para emergências, mais deixar que todas as emergências vão para Palmas ou Paraíso. Vocês não acham que quando uma pessoa vai ao médico é porque está doente? Mas aqui tem que ter o dia certo que eles querem para as pessoas ficarem doentes. E para pagar exames isto é certo? Pois o hospital é público. E esses exames não são baratos. E se alguém reclama alguma coisa eles não acham bom. Por favor nos ajude. Seria bom vir uma fiscalização do Ministério da Saúde aqui em Marianópolis. Pois uma fiscalização seria bom, porque está uma tristeza a saúde aqui. Maria Gorete Monteiro Diniz (Fazenda Nossa Senhora do Bom Sucesso - Marianópolis do Tocantins – Tocantins)

“Oi Amigos do Jornal da Amazônia, eu estou escrevendo para vocês para falar da Escola dos meus filhos que está em péssimas condições. Está quase caindo e tem buracos grandes e ainda eles tem que levar água para beber e a professora tem que andar 2 km e meio com merenda já pronta para os alunos. E os alunos tem que lavar as vasilhas sujas em casa por que na escola não tem água e ainda eu moro longe da escola não só eu mais 2 vizinhos também moro 10 km longe da escola, nós levamos todos os dias do mato está muito difícil porque o petróleo está muito caro. Olhe meninas vocês resumem a minha carta e vê se serve de pauta para o Jornal da Amazônia. Eu estou aqui na roça. Só ouvindo vocês eu moro a 30 km da cidade. Olhe eu ia esquecendo de dizer nome da escola aonde meus filhos estudam e o lugar. Escola São Marcos Evangelhista Anesques 2 dois. O lugar – Travessão 165 Norte Termino por aqui esperando que vocês me atendam eu estou na escuta. Tchau tchau. Beijos e abraços a sua ouvinte de todos os dias. Leila Oliveira” (Uruará – JRU 165 – PA)

“Olá, equipe do Jornal da Amazônia, tudo bem, espero que sim. Estou escrevendo esta carta para participar do sorteio e para dar minha sugestão e para parabenizar o que fazem o jornal desde os apresentadores até os jornalistas. Vocês são realmente maravilhosos e super inteligentes. Eu quero também que vocês façam uma entrevista para saber como vai o andamento da energia elétrica rural para o município de Tucumã no Pará. Sabes porque eu quero saber? Porque aqui só aparece gente para fazer só levantamento ou pedir dinheiro. Teve uns homens que pediram R\$ 20 para poder fazer as inscrições da rede. Eu acho que isso não é certo. Espero ser atendida. E também quero dizer que se eu for sorteada, que acho impossível por ser muitas pessoas, mas a esperança é a última que morre. Ana Paula Santos Tavares – (Aos Cuidados da Móveis Carraro para a Fazenda Cafundó, Av. Brasil nº 1824 Tucumã – Centro – Pará)

### 3.2) A análise das cartas

Foram analisadas, ao todo, por esta pesquisadora, 100 cartas recebidas nos anos de 2006 a 2007 na redação do Jornal da Amazônia. As cartas, para melhor análise foram separadas por assuntos e por regiões.

“O rádio informativo talvez seja, entre todos os meios de comunicação, pelo seu alcance e pela intimidade que consegue com cada indivíduo e

cidadão, o que mais promove a incorporação do homem isolado pela urbanização acelerada, pela pobreza e pela ignorância ao mundo dos seus semelhantes.” (Mauro Guimarães, p. 145 - O Rádio no país das Amazonas)

A década de 50 foi um período que marca a divisão da história do rádio brasileiro. Após três décadas, a radiodifusão sonora enfrentou a concorrência da televisão. Passadas outras três décadas, no final dos anos 80, a internet já está associada aos veículos de comunicação, aos grandes conglomerados das empresas. Mesmo com todos os avanços tecnológicos, a radiodifusão se adaptou e continua presente na vida dos habitantes da Amazônia Legal.

Podemos constatar pelas cartas, que os assuntos que os ouvintes sugerem para matérias são contemporâneos e relatam a realidade. Nesse período, os ouvintes que mais participaram foram do estado do Pará e o que menos participaram enviando as cartas foram do estado de Goiás. Vale ressaltar que embora o estado de Goiás não seja integrado a Amazônia Legal, a transmissão da rádio chega e consegue encantar os seus habitantes.

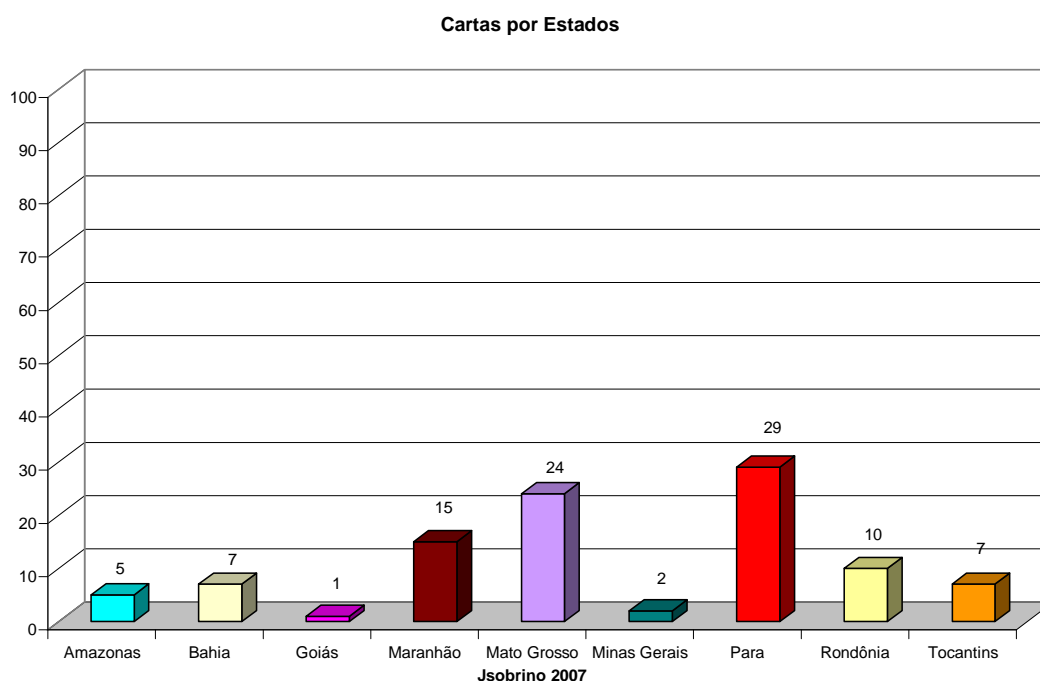


Gráfico 3-2 Cartas recebidas por Estados (Jsobrinor -2007)

Conforme o Gráfico 3-2 acima, o estado que mais enviou cartas foi o do Pará, com 29 cartas, num total de 100 que foram analisadas. As cartas recebidas

foram divididas por temas comuns, ligados ao meio ambiente, denúncias, sorteios, sugestões, elogios, reclamações e outros assuntos. A grande maioria das cartas recebidas solicitaram matérias sobre assuntos diversificados, como por exemplo: doação de órgãos, doenças, retransmissão do jornal, que por não terem uma quantidade expressiva e para melhor análise, aparece no gráfico como um conjunto sob a legenda de outros assuntos, como demonstra o Gráfico 3-2-1, abaixo.

“Olá minhas lindas meninas do Jornal da Amazônia. Meu nome é Alzira Soares Pereira, tenho 53 anos de idade e moro aqui mesmo no sítio, onde passo o dia inteiro ouvindo toda a programação da rádio Nacional, inclusive o Jornal da Amazônia, que nos trás notícias quentinhas e de suma importância para nós que vivemos longe de tudo, sem energia elétrica, água encanada e outros mais. Kelem, desde muito tempo, tenho muita vontade de ser uma doadora de órgãos. Já ouvi falar muito aqui no meu radinho de pilhas como doar, mas quero saber se é preciso trocar minha identidade. Não tenho nenhuma condição financeira. Mas no entanto, sou portadora de uma riqueza que nenhum ladrão é capaz de levar. Nunca cansei de imaginar o orgulho que sentirei em poder ajudar uma pessoa sobreviver através de algum órgão meu! Para entrar em contato comigo é o seguinte: Ligue para (94) 3433 3740, mas antes me avise através do Ponto de Encontro. Resido a 46 KM de Tucumã, tenho que andar 8KM, a pé, mas sou feliz por seu ouvinte da Rádio Nacional! Carinhosamente. Alzira. Obs.: Ao receber esta, entrem em contato comigo, ta?” Alzira Soares Pereira (Tucumã - Pará)

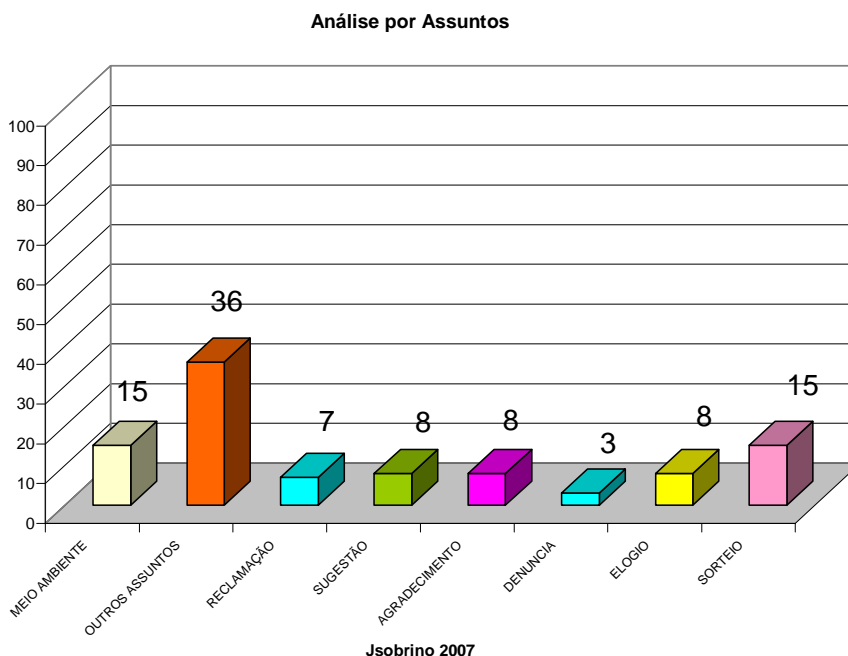


Gráfico 3-2-1 – Análise das cartas por assuntos (Jsobrinor -2007)

Pelas cartas podemos constatar que pelo menos nesse período, os ouvintes que mais participaram enviando cartas à redação do Jornal da Amazônia, em sua maioria foram do gênero feminino, conforme Gráfico 3-2-2.



Gráfico 3-2-2 Análise das cartas por gênero (Jsobrinor -2007)

Em uma análise mais profunda, separamos os assuntos por gênero e constatamos que tanto as mulheres quanto os homens escreveram mais sobre diversos assuntos, como por exemplo, a questões relacionadas a merenda escolar, a bolsa escola, e etc. Conforme Gráfico 3-2-3 e o Gráfico 3-2-4.

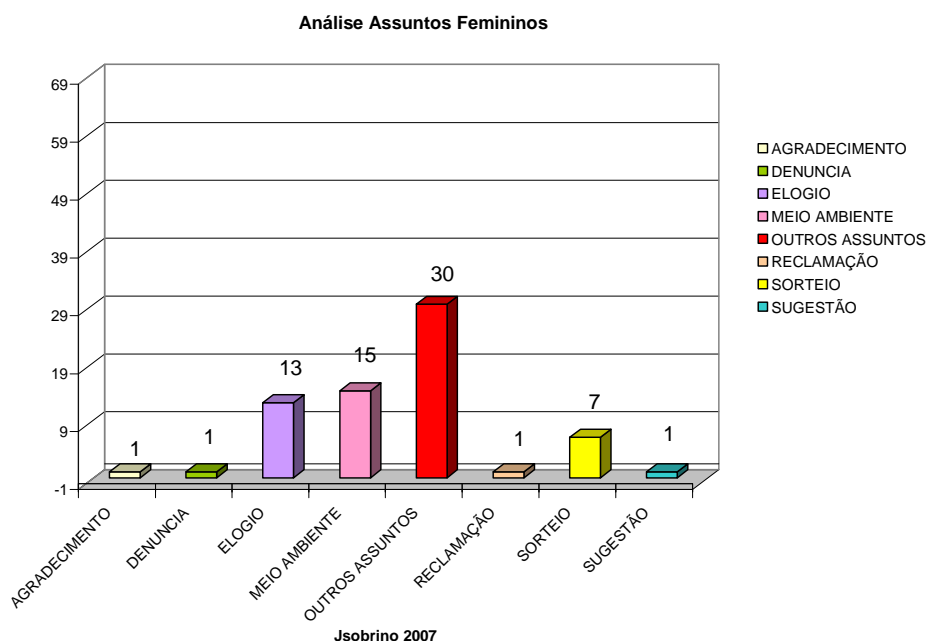


Gráfico 3-2-3 Análise dos assuntos femininos (Jsobrinor -2007)

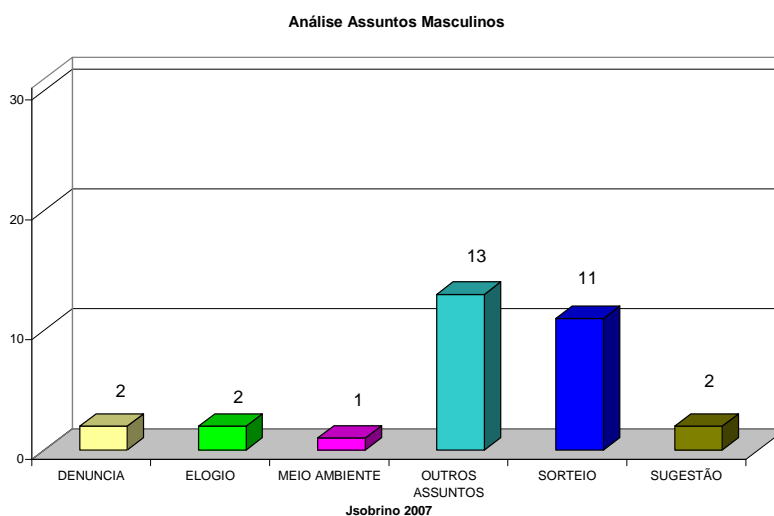


Gráfico 3-2-4 Análise dos assuntos masculinos (Jsobrinor -2007)

Das 100 cartas analisadas, um percentual de 18% pautou notícias no Jornal da Amazônia. Assuntos relacionados ao meio ambiente, a bolsa família, a educação, a merenda escolar, ao biodiesel e ao programa do governo luz para todos, por exemplo. Dentro do total das cartas analisadas, o percentual de 15%, se refere a uma promoção de aniversário da rádio que sorteou camisetas, conforme Gráfico 3-2-5.

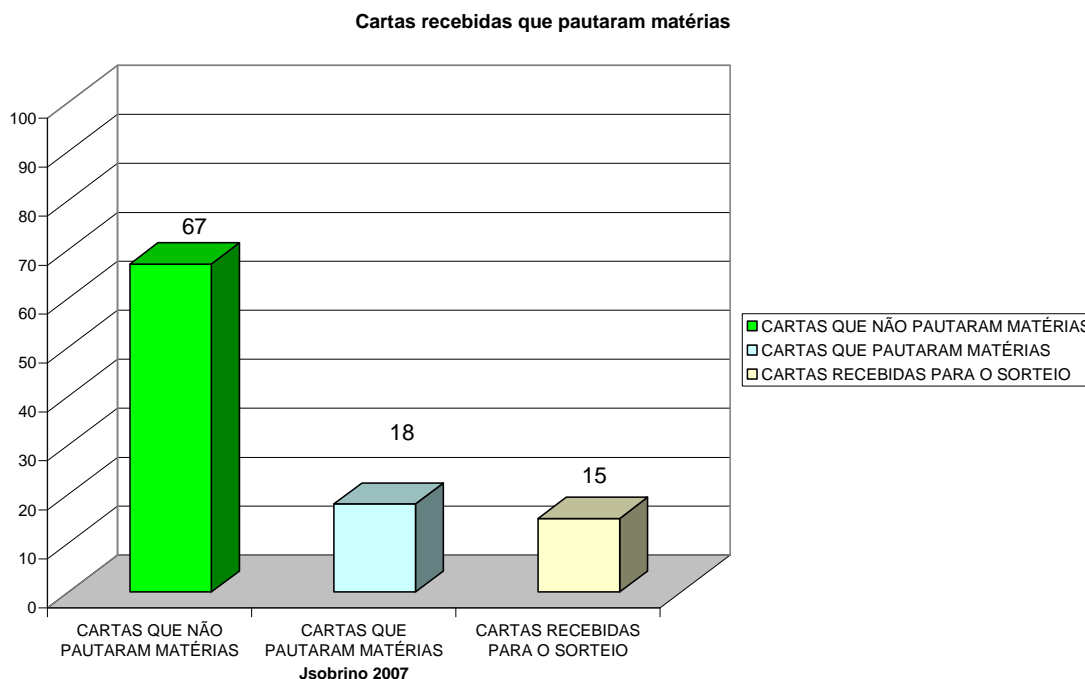


Gráfico 3-2-5 Gráfico cartas que pautaram matéria (Jsobrinor -2007)

Foi aplicado um questionário para o atual editor chefe do Jornal da Amazônia 2ª edição. A redação fica em Brasília, na 702/703 Norte, as perguntas e respostas foram as seguintes:

### **Editor da 2ª Edição do Jornal da Amazônia - Alisson Machado**

a) O que pauta o jornal?

Organizações da sociedade civil organizada, ouvintes (carta), governo, grande mídia (quase nunca), sites especializados, agências de notícias...

b) Qual o público que querem atingir?

A população que não tem acesso à grande mídia, que moram no interior dos nove estados amazônicos. Comunidades tradicionais, assentamentos, ribeirinhos, povos indígenas, quilombolas.

c) Como colhem o feedback?

Através das cartas dos ouvintes, ligações, através de e-mails enviados para o Jornal da Amazônia, reconhecimento de fontes importantes que tratam de temas pertinentes ao que fazemos, quando pautamos a grande mídia e quando as matérias são responsáveis por abertura de inquéritos, investigações e até processos.

d) Vocês pautam a grande mídia? Como?

Sim. Por tratarmos de assuntos não contemplados (na maioria das vezes) pelos grandes veículos e meios de comunicação, grandes mídias repercutem assuntos tratados em primeira mão pela Nacional da Amazônia.

e) A grande mídia pauta vocês? Como isto acontece?

Sim. Grandes jornais como o Estadão têm correspondentes e colaboradores nas cinco regiões. E na Amazônia não é diferente. Algumas vezes, esses profissionais que estão em contato direto e ininterrupto com movimentos sociais, associações e áreas de conflitos enviam notícias em primeira mão. É preciso observar a dificuldade de comunicação encontrada na Amazônia. Por isso, às vezes, esses correspondentes são mais rápidos em noticiar um fato que as lideranças e as fontes que temos.

O questionário reforça a importância da Rádio Amazônica e do Jornal da Amazônia para aquela região de difícil acesso e com baixa renda percapita. O Jornal da Amazônia é transmitido pela Rádio Amazônica OC, para aquele público as notícias são importantes e que é o único meio que essas têm de se informar dos fatos. Quando ocorrem problemas técnicos e a informação não chega ou chegam com problemas de chiado ou cortes, o reflexo é imediato. Ouvintes da Amazônia Legal ligam para a redação e enviam cartas, como essa:

“Oi querida amiga inesquecível, é com grande prazer e alegria e com a graça de Deus que escrevo novamente para este programa. Fiquei muito triste com estes dias que a Nacional ficou fora do ar. Pedi até a Nossa Senhora que a Nacional voltasse ao ar. Pois não sabia o que tinha acontecido, todos os dias ligava o rádio e nada, pensei que era o rádio, que tinha estragado. Sabe? Até o meu irmão, o Estevão abriu o rádio, mas continuou do mesmo jeito. Minha irmã Maria Tereza também procurava a Nacional e não conseguiu, bateu até no rádio pra ver se não era mal contato no rádio. Ficamos muito tristes com este acontecimento. Mas graças a Deus e a Nossa Senhora a Nacional voltou ao ar. Estou feliz agora pois estou escutando a Nacional ... Maria Gorete Monteiro Diniz (Fazenda Nossa Senhora do Bom Sucesso – Marianópolis do Tocantins – Tocantins)

#### 4. CONCLUSÃO

O estudo das 100 cartas dos ouvintes do Jornal da Amazônia reflete que a realidade sócio-cultural da Amazônia Legal que é diferenciada dos demais estados brasileiros. É essa característica, que nos permite afirmar que o rádio é uma importante e senão fundamental fonte de informação aos ribeirinhos, aos pequenos agricultores, aos indígenas e aos quilombolas, os quais possuem um grau de instrução inferior ao ensino fundamental e que possuem uma renda percapita inferior a dois salários mínimos em sua grande maioria.

Esses ouvintes utilizam-se do rádio como fonte para saber o que ocorre na sua região, no resto do país e no mundo. Os acontecimentos ambientais, políticos e econômicos fazem parte de seus interesses, e nas regiões em que não há energia elétrica, esse veículo é visto como essencial.

“Os acontecimentos políticos passaram a ser deflagrados pela classe política, de maneira que o público fosse mobilizado pelo som e pela imagem, tomando conhecimento instantâneo do fato e de suas repercussões; o rádio numa primeira fase, e o rádio juntamente com a televisão ... Ficou famosa uma frase que, por ter se generalizado,ninguém mais sabe quem a formulou, pela primeira vez: “antes, quando alguém queria saber das coisas, saía de casa para as ruas, em busca de jornais e das notícias; hoje, quando alguém quer saber das coisas, volta para a casa, para onde estão o rádio e a televisão”. (Mauro Guimarães, p. 164 - O Rádio no país das Amazonas)

Embora estejamos no século 21, as cartas continuam sendo uma poderosa forma de expressão e de diálogo. É uma forma de comunicação barata, eficaz e que também serve como agente de controle social quando é destinada às redações. As cartas permitem que as pessoas de lugares esquecidos pelo Governo Federal possam se manifestar como cidadãos, relatando situações e ajudando a construir a história não contada nos livros pedagógicos.

Esses cidadãos distantes dos grandes centros urbanos conseguem pautar notícias e exercerem um controle ético na construção da matéria. Presentes, sejam por uso de um orelhão público ou por uma carta que chega de carona dentro de outra carta. Os ouvintes reclamam, elogiam, denunciam e opinam nas notícias.

“Cada vez mais, os públicos estão reclamando ser ouvidos, ter seu espaço nos meios de comunicação. E minha experiência, como diretor de um meio de comunicação, é que esse processo de petição de audiência dos públicos é cada vez mais forte. Ao mesmo tempo, proliferam as associações de telespectadores, os clubes de ouvintes, de

leitores, que a sua maneira estão realizando verdadeiras auditorias éticas dos meios. Estão julgando os meios e estão respondendo aos meios, de uma maneira não suficientemente eficaz, no momento, por falta de canais, mas estas associações se aproveitarão sem dúvida dos avanços tecnológicos e reclamarão a disponibilização das novas tecnologias a seu serviço". (Marco Silva - Interatividade: uma mudança fundamental do esquema clássico da Comunicação)

De uma forma antiga, através das cartas, os ouvintes do Jornal da Amazônia, mesmo sem ter acesso a internet, a televisão ou outros meios de comunicação, se expressam como receptores da produção jornalística e conseguem sobressair ao filtro das redações, impostos pelos gestores dos veículos.

"As respostas dos receptores, as respostas dos públicos são selecionadas pelos gestores da comunicação. As chamadas telefônicas ou as cartas que se recebe nos meios de comunicação entram no processo da comunicação mediante um ato de concessão, mediante um ato de generosidade, digamos assim, dos controladores do processo." (Interatividade: uma mudança fundamental do esquema clássico da Comunicação – Marco Silva)

"Nos termos da comunicação interativa reconhece-se o caráter múltiplo, complexo, sensorial, participativo do receptor, o que implica conceber a informação como manipulável, como "intervenção permanente sobre os dados". (Marco Silva - Interatividade: uma mudança fundamental do esquema clássico da Comunicação)

O Jornal da Amazônia, transmitido pelo Rádio Amazônica da Radiobras, é um veículo de economia mista que recebeu um grande apoio do governo federal nos anos 20 até os meados dos anos 50, com a chegada da televisão. À época o Governo Federal incentivou o progresso na região amazônica, através de estradas e da Zona Franca de Manaus. Em relação aos meios de comunicação, o Governo incentivou os grandes empresários a investir na região. Rádios locais tiveram apoio do governo.

"O governo da União, procurará entender-se, a propósito, com os estados e municípios, de modo que, mesmo nas pequenas aglomerações, sejam instalados aparelhos radioreceptores, providos de alto-falantes em condições de facilitar a todos os brasileiros, sem distinção de sexo nem de idade, momentos de educação política e social, informes úteis aos seus negócios e toda sorte de notícias tendentes a entrelaçar os interesses das diversas regiões do país. (Mauro Guimarães, p. 77 - O Rádio no país das Amazonas)

Hoje, em 2007 a Zona Franca de Manaus próspera, mas a rodovia Transamazônica como foi projetada de início nunca funcionou. A situação dos veículos midiáticos na região é diversificada, nos grandes centros urbanos, temos jornais impressos, revistas, televisões, internet e rádios. Já em certas regiões da

Amazônia Legal, devido às condições geográficas e econômicas, somente o rádio possui a força de penetração para levar as informações.

“É um serviço quase sempre gratuito, que não toma tempo nem monopoliza a atenção do público. E é assim, mesmo sem palavra escrita e sem imagens, suportes que, para muitos, parecem esgotar todo o mundo da informação de nosso tempo. Por isso, requer uma nova conceptualização que dê conta de sua amplitude e especialidade” (Meditich – 1999:21)

A rádio é um poderoso veículo de comunicação, a palavra é a representação do fato ocorrido.

“A palavra radiofônica colou ao acontecimento, à medida que se ia produzindo, de maneira ofegante, dramática, dando a idéia de que o conhecimento da atualidade já não é a partir de agora da ordem do impresso, mas sim da palavra. A história quente, em elaboração, é um história auditiva ... Não é tudo. A palavra informativa (dos reportes) foi estreitamente misturada ao acontecimento, à própria opacidade de seu presente (basta pensar em certas noites de barricadas), que era o seu sentido imediato e consubstancial, o seu modo de aceder a inteligível instantâneo; isto quer dizer que, nos termos da cultura ocidental, que nada pode ser percebido privado de sentido, ela era o próprio acontecimento. A distância milenar entre o ato e o discurso, o acontecimento e o testemunho encurtou-se: apareceu uma nova dimensão da história, a partir de agora imediatamente ligada ao seu discurso, ao passo que toda a ciência histórica tinha, ao contrário, por tarefa reconhecer essa distância, a fim de a controlar. A palavra radiofônica não se limitava a informar os participantes acerca do próprio prolongamento da sua ação (a alguns metros de si) ...; pela compressão do tempo, a repercussão imediata do ato, ela infligia, modificava o acontecimento, numa palavra, escrevia-o: fusão do signo e de sua escuta, reversibilidade da escrita e da leitura que é pedida alhures...” (Barthes, 1984, 177)

Graças às cartas recebidas na redação, os agentes de comunicação podem receber um feed back do seu trabalho, identificar o seu público ouvinte e manter através delas um canal de interatividade, que leva a um verdadeiro diálogo e troca de informações.

“Uma vez identificado o público é necessário conhecer as razões que levam a se constituir enquanto tal: o que leva este sujeito a utilizar a rádio? Pesquisa de recepção revelam que o público em geral reconhece três funções relevantes na rádio: entreter, informar e educar, nesta ordem de importância” (cit.in Wolf 1984:41)

“Não sabemos com segurança o que nos aguarda e devemos estar vigilantes. O Rádio, cada manhã, pela rapidez da palavra, será sempre agente eficaz dos propósitos que nos animam e das cautelas que as contingências nos impõem”. (Lourival Fontes - chefe do antigo Departamento de Informação e Imprensa, o DIP do ditador Vargas)

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- FERRARETO. Luiz Artur - O Veículo, a História e a Técnica – 2ª Edição. Ed. Sagra Luzzatto. – Cap1. p.23,24
- WOLF. Mauro – Teorias da Comunicação – Ed. Presença
- MARTINS. Luiz – Teorias da Comunicação no Século XX. Ano I, Vol.I, Nº 1. Ed. Casa das Musas.
- CONTRERA. Malena Segura; Guimarães. Luciano; Pelegrini. Milton e da Silva. Mauricio Ribeiro – O espírito do nosso tempo – Ed. Annablume.
- BARBERO. Jesus Martim – Dos meios as mediações
- MORIN. Edgar – Cultura de Massas no século vinte (o espírito do tempo) – Ed. Florense Rio
- CANCLINI. Nestor Garcia – Consumidores e cidadãos. Ed. UFRJ.
- BONAVIDES. de Paulo - Ciência Política. Rio de Janeiro: Forense, 1978 , 3.ed
- BRAZILIENSE. Jornal Correio, editoria Brasil, página 10, de sábado, 24 de Março de 2007.
- JUNG, Milton - Jornalismo de Rádio, editora Contexto
- NEGREIROS, Luiz Eugenio – O Rádio no país das Amazonas, editora Manaus : Valer, 1999
- SILVA, Marco – artigo: Interatividade: uma mudança fundamental do esquema clássico da Comunicação.

## Corpus da pesquisa

Fontes:

<http://www.mc.gov.br/rc/>

<http://industrias-culturais.blogspot.com/2005/06/determinismo-tecnologico-para-marshall.html>

<http://www.jrscomunicacao.com.br/ppn11/arquivos/teoria/cadernodeteoria.pdf>

[www.ibge.gov.br/](http://www.ibge.gov.br/)

<http://www.eln.gov.br/Conhecimento/CenarioAmazonia/Macroeconomicos/AnaliseRetrosp.asp>

<http://www.guianet.com.br/brasil/mapahidrografia.htm>

[www.cobveget.cnpm.embrapa.br/images/reg\\_am.png](http://www.cobveget.cnpm.embrapa.br/images/reg_am.png)

# ANEXOS